

Intervenção de José Neves no Museu República e Resistência, em 25 de Outubro de 1996, no âmbito do Ciclo de Conferências sob o tema “O Socialismo em Portugal”, organizado em homenagem a Tito de Morais

Na primeira reunião da Comissão Promotora desta Homenagem eu afirmei que *“sem Tito de Morais o Partido Socialista não teria sido fundado em 1973”*.

Admito que quem conheça as minhas relações de longa e de grande amizade com Tito de Morais pense que esta frase foi-me ditada por esse sentimento de afeição e que não passe de uma figura de estilo. Pretendo hoje aqui demonstrar que esta afirmação tem como base um conjunto de factos de que fui testemunha. E é em volta desta questão que pretendo dar o meu contributo para o nosso debate.

Eu tive o privilégio de ter convivido na luta política com os três homens que foram os pilares da Acção Socialista Portuguesa (ASP) – Mário Soares, Tito de Morais e o saudoso Francisco Ramos da Costa que infelizmente já não está entre nós. Como sabemos foram estes três políticos da resistência ao fascismo que fundaram o movimento ASP. Este movimento, durante os 10 anos que antecederam à fundação do Partido Socialista, agrupou e dinamizou os resistentes anti-fascistas que se identificavam com os valores do socialismo democrático.

A acção política destes três homens em Portugal é conhecida por nós, bem como a de muitos outros socialistas que desde longa data se opunham à ditadura. Recordo António Macedo, Salgado Zenha, José Magalhães Godinho, Catanho de Menezes, Teófilo Carvalho dos Santos (sua sobrinha, Maria Helena Carvalho dos Santos, aqui ao meu lado), José Ribeiro dos Santos, Vasco da Gama Fernandes, Álvaro Monteiro, Albano Pina, Herculano Pires, Jorge Campinos, são apenas alguns dos que já nos deixaram e a que se veio agora juntar Mário Cal Brandão. Mas felizmente podemos ainda contar com Gustavo Seromenho, Raul Rego, Fernando Vale, António Campos, António Arnaut, Costa e Melo, Maria Emília Tito de Morais, Fernando Loureiro, Pedro Coelho e tantos outros na actividade política. A história da luta política destes resistentes anti-fascistas está ainda por fazer, não obstante a valiosa contribuição de Mário Soares no seu livro **“Portugal Amordaçado”**.

Mas detenhamo-nos no período de exílio dos três homens que fundaram a ASP. O seu exílio foi a chave para abrir novos espaços de intervenção na luta anti-fascista, designadamente na área internacional e junto da comunidade portuguesa emigrante. O seu contributo para a fundação do Estado Democrático foi de inestimável valor.

Como sabemos as democracias ocidentais apoiaram expressa ou tacitamente o governo de Salazar. Como Mário Soares nos recorda no seu livro “Portugal Amordaçado”, depois de 1949, com a assinatura do tratado do Atlântico Norte, Portugal “... começou a aparecer como definitivamente aceite pelo chamado mundo ocidental ...”. E foi esta circunstância que permitiu ao regime da ditadura manter-se no poder por mais umas dezenas de anos. Porque os governos ocidentais fechavam os olhos aos atropelos dos direitos humanos, à falta de liberdade, às violências do regime. Os democratas eram apelidados de comunistas, e como tal, no clima de guerra-fria que se vivia, as violências perpetradas contra uns e outros não levantava problemas de consciência aos Governos Ocidentais. E assim, o fim da guerra em que os aliados derrotaram o nazismo e o fascismo, em nada ajudou a que em Portugal se avançasse para o fim da ditadura.

Estes são factos que todos bem conhecemos. E se estou a recordá-los é tão só para situar o clima favorável ao Governo de Salazar que existia na Europa anterior ao exílio dos Líderes da ASP.

O primeiro a ser empurrado para o exílio foi Ramos da Costa, na sequência do seu envolvimento no golpe de Beja. Instalou-se em Paris, no ano de 1961, onde começou a desenvolver uma intensa actividade de publicista em jornais e revistas, participando em reuniões internacionais, denunciando a situação que se vivia em Portugal.

Em 1966 foi a vez de Tito de Morais mudar-se para Roma, vindo da Argélia, depois de ter passado pelo Brasil onde foi parar após ter sido expulso de Angola. E por todos estes países Tito de Morais fundou movimentos de luta contra o regime fascista. Esta mudança de Tito Morais para Roma foi uma decisão política para representar a ASP em Itália com o apoio do Partido Socialista Italiano. E foi aqui que Tito de Morais começou também a desenvolver contactos internacionais que se revelaram de enorme importância.

Com Ramos da Costa, em Paris, e Tito de Morais, em Roma, a ASP fazia-se representar nos Congressos de prestigiados Partidos Europeus e em conferências internacionais. As arbitrariedades da ditadura e do colonialismo eram expostas e as manifestações de solidariedade para com os socialistas e os democratas em Portugal decorriam espontaneamente. Deputados socialistas em Itália levantam questões relacionadas com a falta dos direitos humanos em Portugal e manifestam no Parlamento solidariedade para com Mário Soares quando estava deportado em S. Tomé. A ASP estabelece relações com todos os Partidos filiados na Internacional Socialista (I.S.), criando laços de fraternidade com, além do P.S. de Itália, o S.P.D. na Alemanha, os Trabalhistas na Grã-Bretanha, os Sociais-democratas na Suécia, os Socialistas em França. Enfim, Tito de Morais e Ramos da Costa desdobram-se nestas relações internacionais e promovendo contactos directos com os socialistas em Portugal. Por ocasião da farsa eleitoral de 1969 uma delegação de I.S. esteve em Portugal, constituída por personalidades políticas de destaque. Todos os membros da delegação acabaram por serem expulsos pela polícia política, a PIDE, que convém que ninguém se esqueça que existiu. Assim o regime fascista foi mais uma vez denunciado e estava irremediavelmente desmascarado. Agora já se sabia na Europa que em Portugal existiam democratas, socialistas e comunistas cujos elementares direitos eram espezinhados por um regime fascista.

Assim, quando Mário Soares, por sua vez, teve que optar pelo exílio, já havia um longo trabalho empreendido na área internacional por Ramos da Costa e Tito de Morais. E o trabalho destes dois Socialistas, a quem a Democracia em Portugal muito fica a dever, é naturalmente reconhecido por Mário Soares que no último livro de Maria João Avilez, afirma, a dado passo: **“Nunca é demais enaltecer o trabalho realizado por Francisco Ramos da Costa e por Manuel Tito de Morais: um autêntico trabalho pioneiro, de verdadeiros cabouqueiros do socialismo democrático português.”** E ainda **“Abriram-me as portas dos contactos internacionais, antes de eu chegar ao exílio, foram eles que me levaram ao Congresso de Eastbourne, em 1969, e depois de me fixar em Paris, a partir do Verão de 1970.”** E como sabemos, este trabalho na esfera internacional foi depois consolidado e desenvolvido por Mário Soares, a um ritmo imparável como é de todos sobejamente conhecido.

Sobre o trabalho deste período na área internacional destes três exilados políticos conviria, desde já, destacar três aspectos:

- Primeiro, é que estas acções abriram novas perspectivas de luta. Foram, sem dúvida, armas que infligiram grandes danos na ditadura e contra as quais os algozes do regime muito pouco podiam fazer.
- Depois, o segundo aspecto, foi o reconhecimento da validade do trabalho político destes três representantes da ASP, por prestigiadas personalidades da política internacional, como Willy Brandt, Olaf Palme, Harold Wilson, entre muitos outros. De tal forma a acção política da ASP foi reconhecida, que mesmo antes da constituição em Partido, o movimento Acção Socialista Portuguesa foi aceite como membro de pleno direito da Internacional Socialista. Circunstância inédita, que não sei se voltou a acontecer.

- Finalmente, a última consideração a referir aponta para os efeitos desta actividade internacional no pós 25 de Abril. Nos primeiros governos constitucionais liderados pelo PS muitos pasmavam com o à vontade e a segurança com que Mário Soares se movia na área internacional e como a entrada para a CEE, como então era designada a Comunidade Europeia, se processou de forma expedita e eficaz. Estou em crer que, além do excelente apoio técnico ao processo de candidatura, a teia de conhecimentos com personalidades europeias da IS ajudaram a que a candidatura avançasse em segurança e sem percalços.

E assim podemos concluir que o trabalho político de Mário Soares, Tito de Morais e Ramos da Costa no exílio foi de uma importância decisiva para a abertura de Portugal na cena internacional, de onde esteve arredado durante tantos anos.

Mas regressemos agora à acção política do nosso amigo Tito de Morais, numa área muito específica. Tito de Morais era o Secretário de Organização da ASP, e como todo o responsável por este importante sector político tinha o serviço, a que se convencionou designar por máquina partidária, devidamente constituído. Neste caso a máquina partidária era composta pelo próprio Tito de Morais e pela sua máquina de escrever. Mas esta exiguidade de meios era compensada pela inabalável determinação de Tito de Morais, pela sua grande perseverança, capacidade em ultrapassar as dificuldades e o seu profundo conhecimento da vida política portuguesa. Quando Tito de Morais se mudou para Roma já tinha cerca de 40 anos de militância política. E foi este pelouro da organização da ASP que foi decisivo para a fundação do PS.

Tito de Morais, além da sua actividade na área internacional, como vimos, assumiu também a responsabilidade de um sector indispensável para manter a ligação com as populações e assim denunciar as práticas repressivas, os crimes da ditadura e para a difusão do ideário socialista. Estou-me a referir, naturalmente, ao “Portugal Socialista”, órgão oficial da ASP fundado em 1967 e que só foi possível criar e manter pela perseverança de Tito Morais que junto do PS Italiano foi conseguindo obter os apoios materiais para a sua produção. E para vencer as dificuldades, no que respeita à manutenção com o material necessário para as edições, só a vontade inquebrantável de Tito de Morais foi capaz de superar. Quantos números foram editados ao longo de 7 anos apenas com o material produzido por Tito de Morais! E sabemos hoje da enorme importância deste órgão oficial da ASP na clandestinidade.

Sendo esta publicação produzida em Roma, é de imaginar as dificuldades na sua distribuição em Portugal. Mas a imaginação de Tito de Morais mais uma vez ultrapassava as dificuldades e o “Portugal Socialista” ia chegando a Portugal e conseguindo adeptos.

Conto-vos um episódio que demonstra bem o interesse que o “Portugal Socialista” vinha despertando em Portugal. No Núcleo da ASP em Londres, onde eu militava, distribuíamos o jornal aos turistas portugueses que lá iam em excursões. Tínhamos os nossos contactos e sabíamos os dias e as horas da chegada dos turistas e das visitas que iam fazer aos vários pontos turísticos. E lá estávamos nós distribuindo o “Portugal Socialista” e os nossos folhetos. Aconteceu, numa ocasião pela Páscoa, quando havia muitas excursões, não tivemos tempo de dar a cobertura atempada a este trabalho. E no último dia da estadia de um grupo de turistas Portugueses, quando já estavam a tomar o autocarro que os levava ao aeroporto, aparecemos para a nossa distribuição habitual de propaganda política. Foi então que um dos turistas fez-nos sinal para nos chamar à parte e para nos pedir mais alguns exemplares do “Portugal Socialista” para levar consigo. Mas ao mesmo tempo protestava por só termos aparecido no último dia, pois queria falar connosco e saber mais do nosso movimento. E afirmou-nos que tinha ido na excursão a Londres só para nos encontrar, pois amigos seus já lhe tinham dado a ler o “Portugal Socialista” adquirido numa excursão anterior.

Este episódio revela o enorme interesse que esta publicação despertava na luta dos socialistas na clandestinidade. Mas só foi possível, como já escreveu Mário Soares, “... **graças à pertinácia de Manuel Tito de Morais e à solidariedade do Partido Socialista Italiano**”.

O outro aspecto particular do trabalho político de Tito de Morais como Secretário da Organização da ASP foi o seu contacto com os chamados emigrantes económicos. A ASP era um movimento preocupado com a formação política e intervenção dos trabalhadores. Não foi por coincidência que o “Portugal Socialista” teve o seu início num dia 1º de Maio – o dia do trabalhador. E a actividade política de Tito de Morais junto dos trabalhadores emigrantes, não sendo a mais conhecida, foi de uma importância decisiva para formação de Núcleos da ASP no estrangeiro e que teve consequências na constituição do Partido Socialista em 1973.

A partir de Roma Tito de Morais fazia contactos com os trabalhadores emigrados e, com os precários meios de que dispunha, lá ia conseguindo, fazer algumas deslocações pela Europa. Quando em fins de 69 se deslocou a Londres, e foi-me sugerido para ir a um encontro com Tito de Morais, mal eu imaginava que ir ouvir Tito de Morais teria como consequências uma mudança radical na minha vida. No hall de um modesto hotel, o camarada Tito recebeu uma dezena de portugueses residentes em Londres e usando uma linguagem simples, objectiva, sem preocupações intelectuais mas de grande rigor ideológico, falou-nos da luta contra o fascismo e o colonialismo. A semente foi lançada, e no dia 19 de Abril de 1970 o Núcleo de Londres foi constituído. Por coincidência no mesmo dia e mês em que três anos depois o Partido Socialista foi fundado.

Tito de Morais fez o mesmo por outros países, agrupando trabalhadores, discutindo os seus problemas, dando uma palavra de orientação. E assim foi criando uma rede de contactos e constituindo Núcleos que estiveram presentes em Bad Münstereifel na Fundação do Partido. E foram os representantes destes Núcleos que, como é sabido, votaram todos favoravelmente pela transformação da Acção Socialista em Partido Socialista.

Muito haveria que dizer sobre a actividade política de Tito de Morais no exílio. Deixo-vos apenas uma última nota sobre a premência que sentíamos nas palavras de Tito de Morais, como se o prazo para fundar o Partido se estivesse a esgotar. Numa publicação editada em 1970, a seguir à nossa primeira Convenção da ASP no estrangeiro, realizada na Suíça, já Tito de Morais escrevia, em letra impressa em maiúsculas: **“É A HORA! ONTEM ERA DEMASIADO CEDO AMANHÃ SERÁ DEMASIADO TARDE!”**. É uma frase premonitória da angústia que teria sido para os socialistas se o Partido não tivesse sido constituído em tempo oportuno. Muitas vezes tenho-me interrogado qual a evolução da situação em Portugal se quando eclodiu o 25 de Abril o PS não estivesse constituído.

Em síntese: Sem a acção política de Tito de Morais no “Portugal Socialista”, sem o seu trabalho junto das comunidades de emigrantes constituindo os Núcleos que estiveram no Congresso da fundação e sem a pressão que permanentemente colocava para que o trabalho político progredisse, o Partido Socialista não teria sido fundado em Abril de 1973. Data limite para a acção histórica desempenhada pelo PS em Portugal no pós 25 de Abril, como os acontecimentos vieram a confirmar.

E aqui têm meus amigos as razões que me levam a afirmar que *sem a acção política do camarada Tito de Morais no exílio o PS não teria sido fundado em 1973*. E estou bem acompanhado na valorização que faço deste trabalho político. Mário Soares num depoimento que vai ser publicado afirma: **“... foi devido, em grande parte, à vontade política inquebrantável de Manuel Tito de Morais que os obstáculos foram vencidos e o PS começou.”**

Meus queridos amigos: Vou terminar não sem deixar de fazer uma devida referência a um aspecto particular da vida do nosso querido Amigo Manuel Alfredo Tito de Moraes. Costuma-se dizer que por detrás da vida de um grande homem há sempre uma grande mulher. Pois no caso do Camarada Tito de Moraes, a grande mulher esteve sempre ao seu lado, e na linha da frente do combate político. Por isso a Maria Emília também conheceu os cárceres da PIDE. A sua função ultrapassou o apoio na retaguarda à família e, por direito próprio, Maria Emília Cunha Rego Santos Tito de Moraes é, também, uma referência da luta contra a ditadura.

José Neves

Também publicado no Acção Socialista nº 906, de 28 de Novembro de 1996